

Chichorro na 1.ª pessoa

Chichorro, um dos expoentes máximos da pintura lírica moçambicana, está presentemente em Lisboa para uma estadia de dois anos. Garoto crescido no bairro da Malhangalene, ele evoca nos seus quadros uma infância recortada entre o subúrbio e o cimento de que nos fala, na primeira pessoa, em texto adaptado do «Jornal de Letras», transcrito com a devida vénia. O excerto da pequena caixa é da autoria de Luís Carlos Patraquim, ele próprio a estagiar por período igual de tempo no «Jornal de Letras», na capital portuguesa.

— São as histórias da minha infância. São elas que estão na minha pintura. A minha pintura não pode ser mais nada se não eu. Imagens dos pássaros, das gaiolas, dos cajuas que trago desde o meu quintal de menino pobre de um bairro suburbano da antiga Lourenço Marques.

Roberto Carneiro de Alcáçovas de Sousa Chichorro tem nome comprido para filho de operário.

— O meu pai trabalhava como serralheiro-mecânico na Fábrica de Cervejas Reunidas. Era um homem íntegro, para quem a palavra valia tudo. Eu sou o mais novo de três irmãos, uma rapariga que hoje está em Portugal com a minha mãe, e um rapaz que morreu há alguns anos num acidente em Xinavane. Fomos educados assim...

O bairro era o de Malhangalene, um labirinto de casinhas com janelas coloridas e portas a cair, cercados de adobe de onde despontavam mamoeiros como espanadores contra o céu de chumbo da antiga capital colonial, e se ouviam esgravatar as galinhas.

— Era um labirinto que de madrugada se enchia com o formigueiro dos operários a caminho das fábricas, homens só, que encheram a minha infância de memórias e sensações indescritíveis.

O pai dava-lhe quinze tostões para o machimbombo. Mas o pequeno Roberto preferia fazer o caminho a pé. É que, envolvido

naquela imensa mole humana que fazia o trajecto quotidiano entre o subúrbio e a cidade, o garoto ouvia histórias e canções que lhe povoavam o sonho e a fantasia.

— Com eles aprendi tudo. E todos os quinze tostões foram para as coca-colas, os primeiros cigarros, os doces de amendoim...

As noites passava-as até à hora do banho a ouvir o Miguel Candoma, debaixo da sombra amiga das mangueiras. Histórias terríveis, essas, fantásticas, maravilhosas. O Miguel era um velho deportado angolano que estava em Moçambique, sabe-se lá por que crime.

— Era um negro culto que vivia numa barraca e visitava a minha casa para conversar e jogar às cartas com o meu pai. Os outros miúdos tinham-lhe medo, por causa da sua voz gutural, mas os meus pais ensinaram-me a gostar dele. O Miguel Candoma só tinha metade da língua. Um dia enchi-me de coragem e perguntei-lhe se ele tinha nascido assim. Então ele contou-me que tinha sido uma mulher a quem dera um beijo que lhe tinha decepado metade da língua com uma dentada.

Depois era o regresso a casa, pelo meio do matagal, apavorado ainda pelos entes que povoavam as histórias do velho angolano deportado, julgando ver na sombra de cada casa, à esquina de cada ruela, um daqueles seres sem nome, sem medida, sem



Chichorro e sobrinha na inauguração da sua exposição recente em Lisboa, Portugal

forma evocados sob a copa das árvores onde deixara o contador de histórias.

Tomado o banho, a mãe punha-se a passar a ferro.

— Lembro-me sempre da minha mãe assim. Passando montanhas de roupa até às duas, três da manhã. As calças e as camisas que daí a pouco nós vestiríamos a caminho da escola, da fábrica. Foi assim que comecei a desenhar. Enquanto a minha mãe passava a roupa, eu fazia bonecos, e ela entusiasmava-me a fazê-los, foi dela que recebi os primeiros e os mais importantes estímulos. O meu pai achava que a vida era uma dura prova e que a pintura não era forma de ganhar a vida. E, no entanto, que belo desenhador ele era! Ainda há alguns anos eu conservava um belo caderno em que ele às vezes se entretinha a desenhar gatos a brincar com novelos de lã. Lembro-me bem da emoção que eu sentia cada vez que o folheava. Perdi-o quando desfiz o meu primeiro casamento. É uma perda de que não consigo recuperar ainda hoje...

Filho de operário, Chichorro foi encaminhado para uma vida de trabalho.

— Nós éramos «maningues» pobres.

Tirou o curso industrial e foi para o primeiro emprego em Chimioio, brigada de estradas. Depois no Laboratório de Mecânica de Solos, na capital.

Em 1962 entrou para a tropa.

— O meu companheiro de quarto era o Carneiro Gonçalves, escritor, que morreu aqui há uns anos num acidente de automóvel.

Por esse tempo eu desenhava a carvão, fazia aguarelas, tintas-da-China. O Carneiro Gonçalves foi a primeira pessoa a entusiasmar-me a pintar a óleo. Em 64 sal da tropa e, por influência dele, concorri ao Salão de Artes Plásticas das Festas da Cidade. Mandei três quadros. Aceitaram-me um. Acho que foi a primeira vez que sonhei em ser pintor profissional.

dividual, 1972, Luanda, já vi-mo isso.

— Hoje, sou profissional em tempo inteiro. A minha vida é

a pintura. Pinto todos os dias, tenho uma boa capacidade de produção, assumi um compromisso que me assusta porque ele tem exigências que podem degenerar em mentira e isso eu não quero. Desde Madrid que ponho a exigência, mas sem que aquilo que sai das minhas mãos seja uma coisa fabricada.

Desde Madrid e 1983, primeira bolsa de estudo, cerâmica no Atelier Azul, gravura com o argentino Óscar Manezi e um saldo de duas exposições individuais, seis colectivas — três de pintura, três de gravura.

Dois anos depois regressa a Maputo com a promessa de Lima de Carvalho de lhe conseguir uma nova bolsa para Portugal.

— Conheci-o em 83, quando o Casino organizou a 1.ª Semana Cultural de Moçambique em Portugal. O seu interesse por mim é daquelas coisas que caem fundo, como em 71 aquilo que o Eurico Gonçalves escreveu no catálogo de uma exposição em que estive, na antiga Casa de Moçambique. E agora cá estou. Por dois anos. Para fazer cerâmica com o Francisco Relógio, mais uma atenção do Lima de Carvalho, logo aceite com extraordinária simpatia pelo pintor.

A chegada a Portugal coincide com a sua exposição na Galeria Tempo, um acontecimento que se saldou como um dos mais

Pois, mas como começa um pintor? Por exemplo, como professor, um ano, de trabalhos manuais no Ciclo, depois como desenhador de construção civil, de arquitectura, de cartografia, de publicidade. Uma exposição com outros sonhadores, aqui, outra acolá, até ao dia da primeira inimportantes da temporada. E se bem que o sucesso de vendas nem sempre ande a par com a qualidade de uma exposição, a verdade é que Chichorro pôde ver a sua obra reconhecida pela crítica e simultaneamente disputada pelos coleccionadores — vinte e um quadros vendidos, numa exposição de vinte e quatro. Um título algo literário: «Gaiolas com mulatas de sonhar cor-de-rosa.»

AS GAIOLAS DOS AMORES

— Algumas pessoas pareceram-me refractárias a esta ideia das gaiolas. Mas as minhas gaiolas não são prisões. São as gaiolas dos nossos amores, da nossa afectividade. A memória do meu sítio, dos meus carros de arame, dos meus piões. Essas mulatas são o mundo da mistura, o cadinho desse universo aculturado, a grande mãe, a grande irmã, a grande amante. E cor-de-rosa. Porque essa é a cor das boas coisas e do sonho de um país que sonha em ser melhor.

Neste universo do pintor os pássaros não estão, de facto, prisioneiros. Como se explica:

— Eu fui um passarinho. Não por instinto de maldade, mas pela maravilha de ter na mão esse sonho colorido do beija-flor. E ainda há tanta coisa a dizer sobre isso! Ainda vou continuar a recordar dentro de mim essas gaiolas da minha infância que podem ser um instrumento musical. Como um acordeão ou um harmónio. É essa a sensação que tenho quando olho para um instrumento musical. Talvez a musicalidade esteja no olhar dessa memória do subúrbio, com pessoas passando pelas manhãs frescas, soltando no ar frio gargalhadas de cristal, como se a vida fosse esse sonho lindo de a fazermos cada vez melhor. Acho que vou continuar a ser assim. Até esgotar em mim essas memórias... Ou não esgotá-las nunca...

O poeta e o visionário

Chichorro é só ele mesmo. Uma ponte. Cantor de um universo suburbano de Maputo, acção também de uma angústia de Ser com alguma beleza não mais o estigma, a «excrecência» parida na maniquesta linha divisória de pretos e brancos do colonialismo oficial.

Onde alguns vêem nele o cosmopolitismo para o diferenciar de um Malangatana prisioneiro e exorcista dos tinholos todos de uma africanidade incorrupta, acontece-me a mim sentir na sua pintura a presença inteira do poeta e do visionário. Ele não o diz e eu não sou crítico de arte. Mas na perspectiva ainda que polémica de uma moçambicanidade a gerar-se quotidianamente, Chichorro soube prever tudo: o doloroso confronto de culturas, o lado humano de um diálogo osmótico, espermiático, doente de poderes que se redimiam na serenata do grande corpo suburbano só ele subvertor natural da Ordem estabelecida. E captar-lhe a poesia, erigir em mistério de gente o que existia como rótulo, fazer em cada quadro a grande metáfora da Mãe-Mulher-Amante prostituída e dominada, dizer em cores que confluem para uma síntese, que só será mais tarde no tempo, o sonho completo dessa Nação que afinal «já existiu», confere-lhe a dignidade e o lugar de honra ao lado dos poucos e outros grandes nomes da arte em Moçambique.

